



A hora do corte

À procura de competitividade, mecanização leva antigo bóia-fria a operar máquinas de aproximadamente R\$ 900 mil

GRASIELLE MIRANDA

É tempo de colheita nos canaviais. Já pela manhã, o calor é intenso. Equipados com uma parafernália que inclui botinas, caneleiras, luvas, moião (proteção para os braços) e óculos, os trabalhadores vão, aos poucos, se entranhando no verde sem fim da lavoura. É preciso força e habilidade para abraçar touceiras, além de destreza no corte - quanto mais limpa (menos

palha), melhor será a qualidade do produto final. Aumenta o calor e a sujeira da cana queimada quase não permite enxergar o rosto dos cortadores Rito Martins dos Santos, alagoano de 33 anos, e Agnelo Jesus Sousa, baiano de 27. Com baixa escolaridade, eles mantêm uma rotina de trabalho de 8 horas/dia (das 7h às 16h, parando para almoçar) na Usinas Itamarati S.A. (UISA), localizada em Nova Olímpia. Sem revelar o valor do salário que recebe, Sousa afirma que “dá pra trabalhar e depois parar por quatro meses”, quando volta a ser mototaxista.

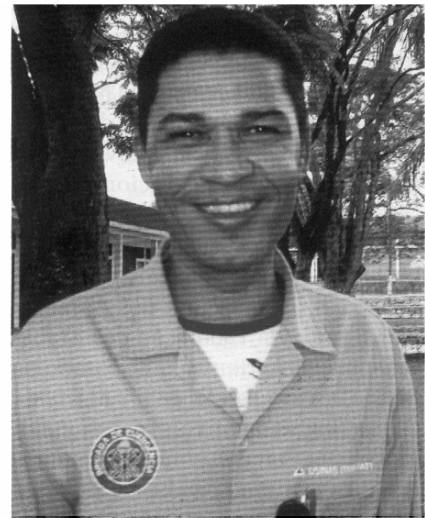
O trabalho braçal exige disciplina e dedicação diária do homem do campo. Contudo, ao visitar uma área de colheita manual de cana é difícil ver a atividade como um emprego rotineiro. E olha que já foi pior. “Levantava ainda no escuro e ficava esperando. Primeiro a gente ia de ‘fuiro’ mesmo (caminhão que transporta cana). Depois veio o ‘papa-fila’ (caminhão com bancos que passava carre-

gando a fila de trabalhadores). Todo mundo levava sua própria comida de casa. Não tinha segurança. Eu cortava cana sem luva e de chinelo. Hoje o bóia-fria é tratado como profissional do corte de cana. Ele tem água gelada, almoço quentinho na hora certa, com direito a descanso e tudo mais”. A descrição é de Adauto Gomes de Almeida, profissional que saiu do canavial e hoje trabalha como supervisor de produção, comandando 450 funcionários na indústria da UISA. Baiano de Ipirá, Almeida percorreu mais 2.700 km até chegar em Nova Olímpia, em meados de 1986. Ainda rapaz, passou da lavoura para a destilaria. Lá, foi ajudante, pré-fermentador, fermentador, encarregado da destilaria, até chegar à supervisão. Almeida cursou a faculdade de pedagogia e tem pós-graduação. É casado, tem dois filhos e mantém um padrão de vida que lhe permite viajar todo fim de ano. “Eu tenho um orgulho muito grande em dizer que aqui foi onde consegui meu primeiro

Estudo e Remuneração

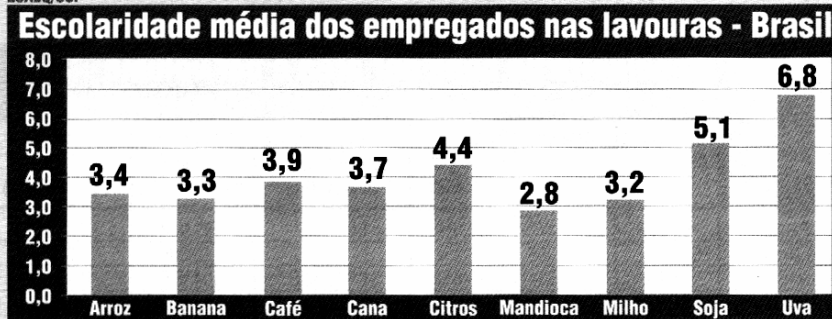
O Grupo de Extensão em Mercado de Trabalho Agrícola (GEMT), da ESALQ-USP, está produzindo estudos que analisam renda, salários, migração, falecimentos, entre outros temas específicos sobre o trabalho no setor sucroalcooleiro. Com base em dados relativos ao trabalho formal e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), disponibilizados pelo IBGE, apesar da escolaridade média das pessoas empregadas ter apresentado uma tendência de crescimento, o valor continua baixo na cultura de cana. Em 2006 a escolaridade média dos empregados era de 3,7 anos na cultura de cana, 7,9 anos na indústria do açúcar e 8,6 anos na indústria do álcool. "Todos os índices apontam para grandes melhorias nas lavouras. No entanto o corte de cana emprega 155 mil analfabetos", detalhou a coordenadora do GEMT, Márcia Moraes.

Os estudos constataram enormes diferenças regionais na remuneração e qualificação dos empregados. Os empregados na cultura de cana-de-açúcar no Centro-Sul ganham mais do que os empregados no Norte-Nordeste. Para as mesmas pessoas, a escolaridade média em 2006 era 2,5 anos no Norte-Nordeste e 4,8 anos no Centro-Sul. Enquanto no Norte-Nordeste, 65% dos empregados na cultura de cana têm carteira de trabalho assinada e contribuem para o sistema de previdência social, no Centro-Sul essa porcentagem supera os 83%. Ao comparar a remuneração e as características dos empregados na cana com outras lavouras brasileiras, percebeu-se que a remuneração média na cana (R\$ 495,20) é a segunda mais elevada, ficando atrás apenas da obtida na lavoura de soja (cerca de R\$ 702,00 em 2006).

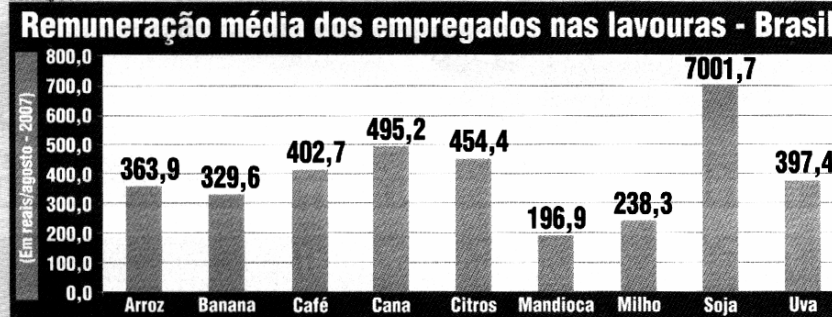


Adauto Gomes de Almeida

ESALQ/USP



ESALQ/USP



Fonte: elaborada pelos autores a partir dos microdados da PNDA. - Heftenamn & Oliveira (2008)

emprego. Não tenho planos de sair da Usina tão cedo", explica o trabalhador, que sonha em fazer mestrado em educação.

QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA - Funcionários como Adauto demonstram que a cadeia de produção da cana-de-açúcar contribui para a fixação do homem mais especializado no campo, ajudando a conter o fluxo

migratório para as cidades - só na UISA, mais de 1.000 pessoas voltaram a estudar. Porém, entidades do setor são unânimes em afirmar que a mecanização da colheita é irreversível e que, enquanto sobram trabalhadores na lavoura, já faltam profissionais capacitados nas usinas - caldeireiros, soldadores, operadores de máquinas industriais e agrícolas, motoristas e até gerentes.

Além de movimentar um mercado de trabalho especializado, a crescente mecanização da colheita da cana causa polêmica. De um lado, os agroempresários buscam manter-se no mercado cada vez mais competitivo; de outro, os trabalhadores temem demissão em massa. Dados da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Unica) informam que, atualmente, a agroindústria canavieira emprega mais de 1 milhão de brasileiros. Destes, mais de 300 mil estão empregados na colheita manual da cana. Somente em São Paulo, 180 mil pessoas deverão ser demitidas até 2014, em função do Protocolo Agroambiental assinado entre usinas, plantadores e governo que proíbe as queimadas e extingue o corte a partir daquela data. "Nesse período, serão gerados 70 mil empregos, que exigirão alto nível de escolaridade e qualificação. Haverá um contingente sobressalente e precisamos discutir quais serão as alternativas para essa mão-de-obra", frisou o presidente da Unica, Marcos Jank. A preocupação é nacional e a discussão se faz urgente. De acordo com o diretor executivo do Sindicato das Indústrias Sucroalcooleiras de Mato Grosso (Sindálcool-MT), Jorge dos Santos, cada máquina colocada na lavoura substituirá o trabalho de 120 homens.

SENAR - O que fazer diante dessa significativa eliminação de postos e trabalho? Parceiro do produtor e do trabalhador rural, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso (Senar-AR/MT) tem viabilizado o treinamento de funcionários do setor como forma de assegurar empregos e funcionários qualificados. “O problema é que não há vagas para todos”, diz a secretária dos Assalariados Rurais da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Mato Grosso - Fetagri-MT -, Maria da Glória Borges da Silva. “Para os matogrossenses haverá pouco desemprego. Eles podem ser absorvidos por outras atividades agrícolas. O problema são os migrantes, que vêm principalmente do Maranhão, para quem nós não podemos virar as costas. Estamos falando de ‘nordestinos-mato-grossenses’ que ajudaram a abrir não só as usinas, mas o Estado também”, ressalta a secretária. Para Maria da Glória, a tendência é só piorar com a vinda constante de trabalhadores por conta própria. “É preciso tomar medidas urgentes. Por enquanto o cortador de cana ainda tem casa para morar, está comendo. O duro vai ser quando não tiver mais nada. Aí eu vejo o aumento da violência, com pequenos municípios inchados de pessoas desempregadas, caindo na marginalidade”, lamenta a secretária.

O cenário é praticamente o mesmo identificado pela Prof^a Doutora Márcia Azanha Ferraz Dias de Moraes, coordenadora do Grupo de Extensão em Mercado de Trabalho Agrícola (GEMT), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ-USP). O grupo realizou estudos, análises econômicas e o levantamento de informações sobre escolaridade e remuneração no mercado de trabalho do setor sucroalcooleiro (*ver box e quadro*). “Faltam políticas públicas de qualificação dessa mão-de-obra e conseqüente geração de renda nos locais de origem dessa população. Existem muitas cidades no Nordeste cuja economia depende do dinheiro que os cortadores mandam”, destaca a coordenadora do GEMT.



Sistema de colheita de cana por área e por volume

Estado e Região	Sistema de colheita por área			Participação por volume		
	Participação de colheita manual	Área de Colheita Manual (ha)	Participação de Colheita mecânica	Colheita mecânica (sob controle das Usinas) (ha)	Volume de Colheita manual (mil t)	Volume de Colheita mecânica (mil t)
São Paulo	67,2%	2.210.177	33,0%	1.087.997	191.058	93.223
Mato Grosso	66,7%	143.006	33,3%	71.535	10.209	5.107
Centro-Sul	71,4%	3.593.514	28,6%	1.436.607	304.499	121.188
Norte-Nordeste	97,4%	935.529	2,6%	24.599	60.902	1.574
Brasil	75,7%	4.529.004	24,3%	1.461.206	365.401	122.762

Dados Estimados Sobre Corte Manual

Regiões	Quantidade média de corte manual diário	Estimativa dos dias úteis de trabalho na safra	Estimativa do contingente de trabalhadores necessários
Centro-Sul	8,0 toneladas	160	237.860
Norte-Nordeste	7,0 toneladas	130	66.926
Brasil	7,8 toneladas	153,4	303.777

Dados Estimados Sobre Corte Mecanizado

Regiões	Quantidade média de corte mecanizado diário	Estimativa dos dias úteis de trabalho na safra	Estimativa de colheitadeiras em atividades
Centro-Sul	700 toneladas	150	1.154
Norte-Nordeste	600 toneladas	120	22
Brasil	698 toneladas	149,4	1.176

Fonte e elaboração: Conab/Digem/Suinfr

DO FOGO À SENZALA - Como o etanol ainda é visto como subproduto agrícola e não como *commodity* energética, estando à mercê das diversas medidas de proteção, os aspectos sociais e ambientais negativos da produção de cana-de-açúcar acabam servindo de munição para os países que desejam restringir o produ-

to brasileiro. O corte manual é precedido pela queima da palha da cana. Já com a mecanização é possível realizar a colheita evitando a emissão de CO₂ na atmosfera. Quanto aos problemas sociais, o setor sucroalcooleiro continua tendo sua imagem associada constantemente a notícias mencionando o

trabalho escravo – resquícios do período colonial. Apesar de em menor número, alguns empresários ainda insistem em contratar trabalhadores sem registro em carteira e submetê-los a situações degradantes, como abrigo em locais insalubres, com pouca alimentação e sem segurança. “De 2006 pra cá, essa situação, que não acontece só na cana, tem diminuído bastante, com o Ministério Público e do Trabalho batendo duro na fiscalização. O que ainda existe, e muito, é trabalho forçado, com carga horária excessiva”, diz a secretária da Fetagri-MT, Maria da Glória. O diretor executivo do Sindálcool-MT, Jorge dos Santos, rebate que empresários ruins existem em todas as atividades.

PRODUÇÃO A MIL - E o Brasil não pode “vacilar”, pois bons ventos chegam aos canaviais. O país começa a colher a maior safra de cana-de-açúcar da sua história. A colheita deste ano está estimada entre 607,8 e 631,5 milhões t – cerca de 8,8% a 13,1% superior à produção anterior, que foi de 558,5 milhões t. Os dados fazem parte do primeiro levantamento da safra divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Mato Grosso deve colher até 16,986 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2008/2009, das quais 88% ou 14,956 milhões (t), devem ser processadas pelas indústrias sucroalcooleiras do Estado.

Pela projeção da Conab, o Brasil vai fabricar neste ano entre 26,45 bilhões e 27,49 bilhões de litros de álcool, 14,9% a 19,4% a mais que em 2007. Do total, 4,2 bilhões de litros deverão ser exportados, sendo 2,5 bilhões de litros só para os Estados Unidos, que aumentou a mistura do álcool à gasolina.

No entanto, os preços do etanol e do açúcar se encontram em níveis bastante baixos - 85% do etanol brasileiro é consumido no mercado interno, principalmente pelos veículos *flex-fuel*, que já respondem por 90% das vendas de carros novos. De carona no *boom* dos combustíveis renováveis – os derivados de petróleo continuam com preços nas alturas e, pior, em ascensão –, os produtores de cana-de-açúcar vislumbram um cenário extremamente positivo, apesar dos recentes e equivocados ataques de lideranças globais e da mídia ao etanol. Os principais obstáculos da lavoura são a desvalorização cambial, barreira tarifárias e dificuldades de logística, que se agravam em Estados de novas fronteiras agrícolas, como Mato Grosso. Para se ter idéia do tamanho do desafio, o atual custo de produção do litro de álcool em Mato Grosso é de R\$ 0,75. Em São Paulo, maior pólo produtor nacional, ele é de R\$ 0,60. Isso significa que as usinas mato-grossenses precisam ser de 15% a 20% mais eficientes do que as paulistas. As dificuldades financeiras que o setor sucroalcooleiro ainda enfrenta em de-

corrência da queda substancial dos preços dos produtos forçaram a adoção de uma nova postura de sobrevivência, já utilizada em outras lavouras: foco na redução de custos e no aumento da produtividade. A saída tem sido, então, reorganizar o orçamento e investir pesado em tecnologia, aprimorando todo o complexo canavieiro, da lavoura à usina. “A idéia é modernizar para ser mais competitivos. Esperamos, em quatro anos, renovar 100% da frota de máquinas”, afirmou o diretor-presidente da Usinas Itamarati, Sylvio N. Coutinho. De 2007 pra cá, a empresa adquiriu transbordos de maior capacidade, caminhões canavieiros, 22 tratores Magnum 240 e mais oito colhedoras de cana equipadas com esteiras. Outras 40 colhedoras ainda deverão ser adquiridas. A meta para este ano é elevar a área de colheita mecanizada da usina de 91% para 95% do total cultivado e, para isso, mais de 370 trabalhadores já participaram do curso de qualificação em mecânica e operação. Dentre eles, está Antônio da Silva, de 27 anos, que começou como auxiliar da colheita (um faztudo no canavial), passou a tratorista e agora vai operar as colhedoras modelo A 7700 da Case IH, máquinas de aproximadamente R\$ 900 mil – um belo *up grade* na carreira. “É uma responsabilidade grande, mas eu gosto”. Com um salário de R\$ 1.500,00, ele comemora o período de colheita (maio a julho), quando “dá pra tirar até R\$ 1.700,00”. ●